

Guerra do Ensino

A campanha eleitoral está em marcha. Cada candidato tem a sua idéia; uns são mais explícitos do que outros. O eleitor escolherá entre eles. Uma vez eleito, esse novo presidente, se dispuser de mente esclarecida, não pode deixar de perceber o que salta aos olhos: se o Brasil quiser confirmar suas potencialidades, e tornar-se um país moderno, precisa passar por uma verdadeira revolução educacional.

Simple reformas não bastam. Já se tentaram várias reformas da educação — e neste momento, há uma nova lei de Diretrizes e Bases em estudo no Congresso. Mas é preciso mais do que reforma: é preciso a consciência nítida de que o país perdeu o pé (ou nunca chegou a ter) em matéria de educação; de que esta situação invalida qualquer projeto de crescimento consistente; e de que é preciso vontade concreta e persistente para mudar esse estado de coisas.

Entrevistado pelo *Jornal do Brasil*, o embaixador Rubens Ricúpero, representante do Brasil no GATT, tocou num ponto crucial: “Nossa concepção de desenvolvimento foi até hoje quantitativa”. É a pura verdade. Isto tem a ver com a visão tecnocrática que afirmou-se com o regime de 64.

Os presidentes militares tinham pressa em “modernizar o país”. Tomaram diversas providências que acreditavam conduzir nesta direção. Acertaram neste ou naquele ponto específico, mas erraram na visão geral.

É como diz o embaixador Ricúpero: “Adiamos a educação, saúde, proteção do meio ambiente e distribuição de renda”. E acrescenta: “Os países industrializados resolveram há mais de 100 anos a questão da educação fundamental, garantindo pelo menos oito anos de educação à totalidade da população. Os países neo-industrializados resolveram isto depois da Segunda Guerra Mundial. A Coréia tem 89% da sua população adolescente em escolas secundárias; o Brasil tem apenas 20%”.

São dados irrefutáveis. Não nos aproveita nada tecer considerações sobre o fato de sermos hoje uma das dez maiores economias do mundo. Também esta é uma conclusão *quantitativa*. O fosso entre o Brasil educado e o deseducado é grande demais; e se não começar a diminuir, o país medieval que não sabe ler nem escrever, ou que nem começou a abrir a mente, arrastará o projeto de país moderno para um impasse insolúvel.